

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamaliara

DATA: 25 106 1970 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Coletiva Brasileira em Milão

ASSUNTO: Coletiva Bras em Milão: "buona mediocrità" Iron. Di. Da Costa etc. ausentes.

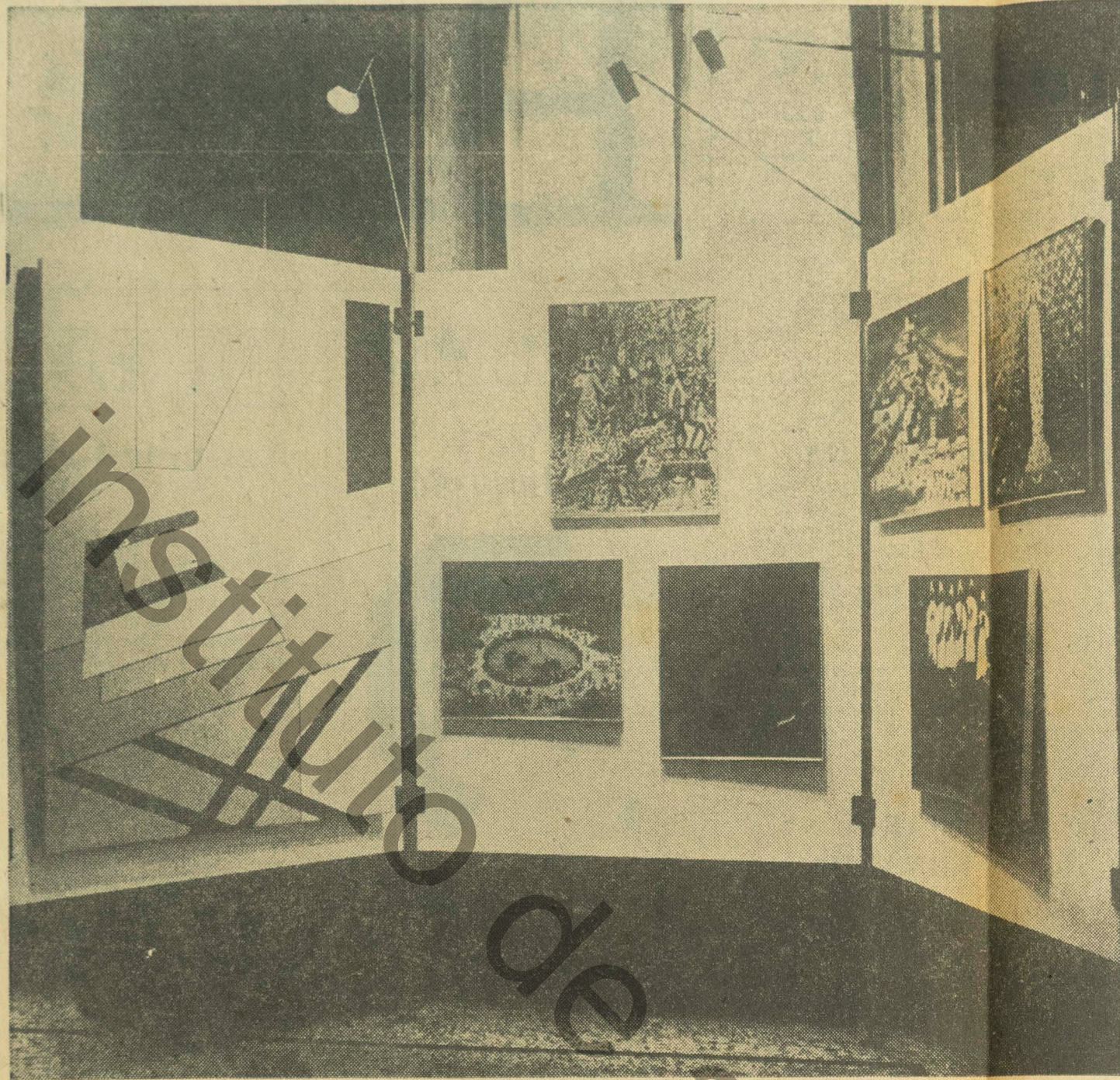
CM 26/6/70 p. 3 (A)

## Coletiva brasileira em Milão:

### “buona mediocrità”

*A arte do Brasil foi um fiasco cultural em Milão, embora a excelente apresentação técnica, a promoção social e diplomática. Na cidade culturalmente mais desenvolvida da Itália, onde o país tinha uma base, a imagem desfêz-se por uma levandade artística do Itamarati. Omissão da crítica, folclore e suco nativo de permeio. As vendas.*

Reportagem de Jayme Maurício  
Por cortesia da VARIG



MILÃO, junho — Por questões de afinidades e certas circunstâncias felizes, a Itália é um dos raros países onde a imagem cultural do Brasil não é deturpada. Com muita frequência, pelo menos. Especialmente em Milão, Veneza e Roma, em ordem de importância e boa informação. Temos uma Bienal gêmea (e retardada) da Bienal de Veneza, a arquitetura e o urbanismo que a Itália ainda não pôde fazer mas que discute e estuda com ardor — e os italianos têm além da Bienal de Veneza, onde estamos sempre presentes, bem ou mal (quase sempre mal), a Trienal de Milão, onde Lúcio Costa deu um show de sabedoria filosófica ao enfrentar o tempo livre. Naturalmente tudo em termos modernos, temos e mostramos por aqui o nosso paisagismo, a nossa arquitetura, a nossa melhor gravura. Tivemos por aqui gente como Paschoal Carlos Magno, Roberto Assumpção, Mag Nogueira, que estabeleceram sólidas bases de intercâmbio, mesmo nas duvidosas bases de relações diplomáticas. Assis Chateaubriand comprou uma vila em Florença para artistas brasileiros (Pietro Maria Bardi vendeu, como vendeu a Mulher de Putifar, de Gaughin, “para pagar as dívidas do Museu Chateaubriand”) e Hugo Gouthier deu ao Brasil, quase de graça, um patrimônio cultural italiano, o Palácio Dória Pamphilli, na Piazza Navona, em Roma (acontecimento lastimavelmente esquecido por Dioclecio Redig de C. e outros na estupenda obra sobre o local, parcialmente financiada pelo Itamarati, embora não tenham esquecido que o embaixador Souza Dantas, 20 anos an-

tes ou mais, alugou ali um apartamento — é incrível), fazendo do Palácio o centro cultural do Brasil em Roma. Enfim, os italianos conhecem muito bem a cultura contemporânea brasileira, até na literatura, com a incorporação de Murilo Mendes. Até o susto imenso que foi o conteúdo residual da exposição que o Itamarati enviou para o Palácio Visconti. Uma exposição que desde o Brasil havíamos lamentado, pois trata-se de um acerto, uma reunião do que o país tem por aqui, na Europa, de sobra, acrescentado de uns poucos e fáceis nomes. Um fiasco cultural que o conselheiro Carlos Veras transformou num imenso tour-de-force, num êxito social e político, embora as circunstâncias penosas da ocasião.

#### A exposição

Não será necessário analisar o bric-a-brac da mostra, pois os nomes presentes — e os ausentes — bastam. Friamente apresentada por Waldir Ayala, que veio para a inauguração juntamente com o gravador José Lima, este para realizar uma montagem que o consulado informou já estar pronta e paga, a constrangedora coletiva reúne os pintores Afrânio Castello Branco, Antônio Maia, Delima Medeiros, Eliane Vilaca, Iaponi Araújo, José Pinto, Lygia Machado Bartholo, Manabu Mabe, Maria de Lourdes Novais, Mauro Francini, Ninita Moutinho, Pindaro Castello Branco, Rosina Becker do Valle, Sebastião Januário, Victor Décio Gerhard, Wanda Pimentel; gravuras de Anna Bela Geiser, Anna Letícia, Fayga Ostrower, José Lima, Izid Thame, José Altino, Neusa D'Arcanhy, Paulo Roberto França Ru-

th Courvoisier Bess, Thereza Miranda, Tomie Ohtake. Alguns nomes expressivos, uma grande parte de primitivos e primitivistas e um imenso vácuo. Não é antológica, embora o pomposo nome “Arte Brasileira Contemporânea 1970”; não é atual, embora uma ou duas experiências; não é moderna, mesmo com a grande liberdade e desenvoltura com que a expressão é aplicada. Nem mesmo a piedosa definição do crítico do *Corriere della Sera*, Dino Buzzati, “estando no plano da boa mediocridade”, pôde ser aproveitada, ainda que com a citação de Waldir Ayala no próprio *Corriere* de a arte no Brasil vive “tra il caos e l'imitazione”. A exposição como arte contemporânea brasileira é uma bomba, uma levandade ou uma total falta de assessoramento. Difícil entender como um homem de cultura como Vasco Mariz permitiu uma imagem tão deturpada da arte brasileira, especialmente num país onde ela é muito bem conhecida, e em circunstâncias políticas perigosas de uma demagogia de vésperas de eleições. Afinal, se não querem Di Cavalcanti, Dacosta, Volpi, Djanira; outras gerações como as de Ivan Serpa, Krajoberg, Lygia Clark, Wesley Duke Lee, enviassem Hélio Oiticica, um símbolo de toda uma geração de jovens de valor testado internacionalmente. Saberá o chanceler Mário Gibson dessa mostra que ainda vai para Berna, Viena, Barcelona e outros centros?

Duvidamos muito. Em 1957, o então ministro-conselheiro Mário Gibson apresentava um sério panorama da arte contemporânea brasileira, de Anita Malfatti à Ivan Serpa (1917-1957), ao público argentino e brilhou muito com seus conhecimentos. Quando em Viena, o embaixador Gibson escreveu a apresentação de Wesley Duke Lee para os austríacos compreenderem melhor a arte do pintor paulista — texto que transcrevemos no *C.M.*, dada a surpreendente argúcia. Ainda em Viena, Mário Gibson escreveu e promoveu outra coletiva brasileira, novamente com a presença do redator. Claro, não sabe de nada, mas aqui estamos para esclarecer o chefe do ministério que tem a maior responsabilidade pela imagem cultural do Brasil no exterior.

#### A crítica e a promoção

É preciso esclarecer que apesar da lastimável qualidade dessa exposição, o ministro Carlos Veras desdobrou-se num imenso esforço para torná-la eficaz e atenuar-lhe as consequências. Um catálogo de luxo, em três idiomas e reproduções em cores foi editado (quando da última Bienal de Veneza, tivemos de obter financiamento da Olivetti para essa despesa); pelos muros e adquirido por todo um imenso cartaz em cores; uma montagem fabulosa com trainéis desmontáveis, iluminação adequada, tamanho e altura precisos, foi planejada e produzida em Milão, ficando como patrimônio do Itamarati; obteve-se o Palácio Clérico, do setecento, onde existem os mais belos Tiepolos de Milão, em pleno centro; imprensa, televisão, recepção, etc. Tudo foi feito para ressaltar o mediocre. Uma semana antes, o diretor do Palácio Clérico, antigo fascista mas que tem o Cruzeiro do Sul, correu da raia; manifestações contra o regime; to político brasileiro punham em risco seus Tiepolos, seu palácio de madeira sua segurança etc. Estava aflitíssimo e irredutível. Foi aquele pânico no consulado, mas Carlos Veras obteve um outro palácio central, também importante — o Visconti, na Via Cerva. Mudança de convites, avisos, policiamen-

to, remontagem de um palácio para o outro — e por um milagre lá estava a sala cheia para receber prefeito, síndico, críticos e o embaixador Thompson Flóres, que fez um discurso. Drinks, etc.

Os críticos de prestígio compareceram mas apenas dois escreveram e Deus sabe como — Dino Buzzati, do *Corriere della Sera*, num blá-blá-blá constrangido, da maior sandice, onde acusa a vanguarda brasileira de mimetismo europeu; sente saudades de Portinari, Segall, Di Cavalcanti; acha que chegamos de autênticos como as roupas dos pastores da Sardenha ficaram melhor do que paletó azul marinho traspassado; constata que não é uma panorâmica real do Brasil; concorda com o tal “caos e a imitação”, fala em suco nativo sem esnobismo, em *buona mediocrità*, elogia o conselheiro e termina citando os que mais agradaram aos seus esmerados olhos: Castello Branco, Eliane Vilaca, Iaponi, José Altino, Ninita Moutinho, Paulo Roberto França, Rosina Becker do Valle, Ruth Bess, Sebastião Januário e Manabu Mabe (autore di sapienti giochi nederici) — o maior elogio. Essa a imagem da arte brasileira divulgada pelo mais importante jornal do sul da Europa. Uma notícia no *Avvenire*, de Giorgio Maschera, e o resto foi silêncio. Nenhuma palavra de Gillo Dorfles, de Guido Ballo, de Bruno Alfieri, Franco Russoli, embora tenham comparecido.

Os dois brasileiros residentes em Milão, Antônio Dias e Edval Ramos, contratados do Studio Marconi, por determinação da galeria, em carta escrita ao consulado, não tinham obras à altura para comparecer à coletiva contemporânea brasileira. Dias expunha em Bruxelas e as obras de Ramos estavam na elaboração da parte industrial.

#### Vendas

A grande promoção feita pelo consulado, a imagem do Brasil, especialmente entre os homens de negócio, além do tal suco nativo, e outros fatores que não saberíamos analisar, resultou em grandes vendas, consequentemente dos preços, que para Milão é quase de graça. Damos algumas das vendas, com os respectivos preços, aspecto comercial mas que é jornalístico e serve de referên-

cia para os colecionadores interessados. O preço mais alto (em cruzeiros) era de Manabu Mabe e não vendeu nada — cerca de dez mil cruzeiros. Os demais: Castello Branco (1.785,00); Anna Bella Geiger, 315; Neusa D'Arcanhy, 1.190,00; Anna Letícia, gravura 224,00; Antônio Maia, pintura 1.785,00; Ruth Bess, gravura 210,00; Iaponi Araújo, pintura 2.160,00; Paulo Roberto França, gravura em madeira a 175,00; José Altino, gravura em madeira, 210,00; José Lima, gravura .... 210,00; Izid Thame, serigrafia em grande tamanho 2.195,00 (vendeu tudo e doou um para o Visconti!); Ninita Moutinho, óleo a 975,00; Rosina Becker do Valle, pintura a 1.960,00 ou 2.600,00; Thereza Miranda, gravura a 210,00; Pindaro Castello Branco, pintura a 2.000; José Pinto, óleo a .... 1.000,00; Fayga Ostrower, gravura em madeira a 385,00; Tomie Ohtake, serigrafias ad infinitum, 200,00.

Após as vendas e as dores de cabeça de Milão, a exposição foi para Brescia no Ridotto del Teatro Grande. E já foi enviada para Berna com um detalhe muito expressivo: o Itamarati determinou que os quadros vendidos fossem logo entregues aos compradores, embora estes tenham concordado em recebê-los após o calvário, digo, o itinerário europeu cumprido. E como já estão im-pressos cinco mil catálogos e a maioria dos trabalhos reproduzidos em cores também sido exatamente os adquiridos em Milão, nas demais cidades o visitante ainda terá mais esta: os quadros reproduzidos não constam mais da exposição, inclusive o da capa e o do cartaz.

Seria tudo muito leviano, muito engraçado, um pouco sobre a cafagética, se não fosse afinal extremamente desanimador e triste.

